



ENCONTRO #16

JOÃO BAPTISTA

1. INTRODUÇÃO

A fase final do profetismo em Israel, o longo silêncio intertestamentário e o surgimento de João Batista formam uma única linha teológica: a passagem da última palavra profética do Antigo Testamento para a primeira voz profética do Novo Testamento, que inaugura a era messiânica. O quadro abaixo articula estes três momentos com rigor histórico e coerência bíblico-teológica, integrando o que se conhece sobre o período inter-bíblico e a figura de João Batista.

Recordemos, na tradição bíblica, o profeta não é um adivinho, mas porta-voz autorizado de Deus, chamado a interpretar a História à luz da Aliança. A sua missão articula três dimensões: Teológica, recordando aos seus contemporâneos de que YHWH é o único Deus e Senhor da História; Ética, através da denúncia das injustiças, idolatria e corrupção cultural e a dimensão Escatológica, anunciando o juízo e a esperança messiânica.

Após o exílio babilónico (séc. VI a.C.), surgem Ageu, Zacarias e Malaquias. Este último encerra a lista dos textos proféticos com duas afirmações decisivas: a) - Deus enviará um mensageiro que prepara o caminho (Ml 3,1); b) - Antes do "Dia do Senhor", virá Elias para restaurar os corações (Ml 4,5-6). Estas promessas tornam-se o eixo da esperança judaica posterior.

Mas durante 400 anos verifica-se um silêncio profético. Não se trata de ausência de vida religiosa, mas da ausência de profetas

canônicos. A tradição judaica reconhece que, após Malaquias, nenhuma voz profética com autoridade divina se levantou.

Recordemos: o período intertestamentário (séc. V a.C. – séc. I d.C.) é marcado por profundas mudanças:

- Domínio persa — reorganização da vida judaica em torno da Torah;
- Domínio grego — helenização, tensões culturais e religiosas;
- Revolta dos Macabeus — resistência à opressão e reafirmação identitária do judaísmo;
- Domínio romano — opressão política e expectativa messiânica crescente;
- Consolidação das sinagogas como centros de estudo e culto;
- Tradução da Bíblia hebraica para o grego (Septuaginta), que moldará o cristianismo nascente;
- Surgimento de grupos como fariseus, saduceus, essênios e zelotes;
- Intensificação da esperança messiânica, alimentada por Daniel e Malaquias.

Este longo silêncio cria um vazio teológico e uma expectativa ardente: quando Deus voltará a falar?

O surgimento de João Batista: a voz que quebra o silêncio e dá cumprimento, literalmente, a Isaías 40,3: “Voz do que clama no deserto” e retoma o estilo de Elias (vestuário, austeridade, confronto). João é, portanto, a ponte viva entre as duas alianças, o cumprimento das profecias de Isaías e Malaquias, e o sinal de que Deus voltou a falar ao seu povo.

2. O NASCIMENTO DE JOÃO BAPTISTA

O Os pais de João eram velhos e estéreis, por isso, quando o Archanjo Gabriel disse a Zacarias que não só teria um filho, mas que este haveria de preparar o caminho ao Senhor, como tinha profetizado Malaquias (Ml 4,5-6), este teve dificuldades em acreditar

(Lc 1,5-18). Nesse momento, Zacarias ficou mudo devido à sua incredulidade e assim permaneceu durante nove meses até que, na cerimônia da circuncisão, pôde dar ao seu filho o nome de João, como lhe tinha ordenado o anjo (em contraste com a prática corrente de dar a um filho o nome do pai). Zacarias recobrou imediatamente a fala e a gente, acreditando que fosse obra de Deus, interrogava-se sobre quem viria a ser aquele menino.

Zacarias, repleto do Espírito Santo, louvou a Deus e profetizou que o papel de João seria o de preparar o caminho do Senhor (Lc 1,67-79). Este cântico, chamado Benedictus (da sua primeira palavra em latim), é usado ainda hoje em muitas igrejas e sobretudo na Liturgia das Horas, na oração de Laudes.

**Bendito o Senhor Deus de Israel
que visitou e redimiu o seu povo
e nos deu um Salvador poderoso na casa de David, seu servo,
conforme prometeu pela boca dos seus santos,
os profetas dos tempos antigos,
para nos libertar dos nossos inimigos
e das mãos daqueles que nos odeiam
para mostrar a sua misericórdia a favor dos nossos pais,
recordando a sua sagrada aliança
e o juramento que fizera a Abraão, nosso pai,
que nos havia de conceder esta graça:
de O servirmos um dia, sem temor,
livres das mãos dos nossos inimigos,
em santidade e justiça, na sua presença,
todos os dias da nossa vida.**

**E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo,
porque irás à sua frente a preparar os seus caminhos,
para dar a conhecer ao seu povo a salvação
pela remissão dos seus pecados,
graças ao coração misericordioso do nosso Deus,
que das alturas nos visita como sol nascente,
para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte
e dirigir os nossos passos no caminho da paz.**

3. JOÃO: UM PROFETA ORIGINAL

Entre o Outono do ano 27 e a Primavera do 28, apareceu no horizonte religioso da Palestina um profeta original e independente que provocou um forte impacto em todo o povo. O seu nome era João, mas as pessoas chamavam-lhe “Baptista”, porque praticava um rito estranho e surpreendente nas águas do Jordão. Era, sem sombra de dúvida, um homem que marcaria, como nenhum outro, a trajetória de Jesus.

João era de uma família sacerdotal do campo. A sua rude linguagem e as imagens que utilizava refletem o ambiente camponês de uma aldeia. Num determinado momento, João rompeu com o templo e com todo o sistema de ritos de purificação e perdão a ele ligados.

Não sabemos o que o terá levado a abandonar o seu múnus sacerdotal. A sua atitude era a de um homem arrebatado pelo Espírito. Não se apoiava em nenhum mestre. Não citava explicitamente as Escrituras sagradas. Não invocava nenhuma autoridade para legitimar a sua ação. Abandonou a terra sagrada de Israel e foi para o deserto a gritar a sua mensagem.

4. O POVO EM CRISE PROFUNDA

João não somente conhecia a crise profunda em que o povo se encontrava. Contrariamente a outros movimentos contemporâneos, ele concentrava a força do seu olhar profético na raiz de tudo: o pecado e a rebeldia de Israel. O seu diagnóstico era simples e certo: a história do povo eleito atingira o fracasso total. O projeto de Deus tinha-se frustrado. Já não se podia recorrer aos processos tradicionais para renovar a história da salvação. De nada servia oferecer sacrifícios de expiação. O povo precipitava-se para o seu fim.

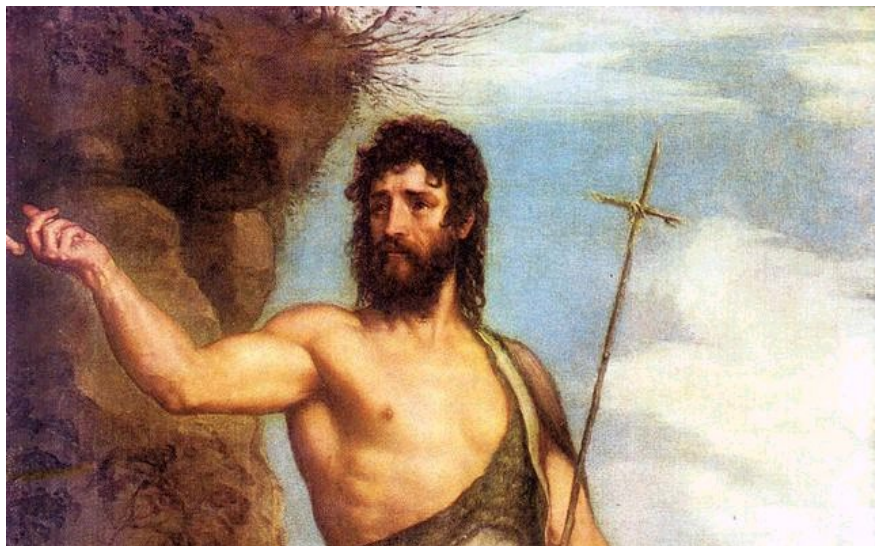
Segundo João Baptista, o mal corrompia tudo. Todo o povo estava contaminado. Todo o Israel tinha de confessar o seu pecado e converter-se, radicalmente, a Deus, se não quisesse perder-se irremediavelmente. O próprio templo estava corrompido. Já não

era um lugar santo, nem servia para eliminar a maldade do povo. Era necessário um novo rito de purificação radical que não estivesse ligado ao culto do templo. A maldade tinha atingido até a própria terra em que vivia Israel,

Tornava-se imperioso ir para o deserto, fora da terra prometida, para voltar a entrar nela como um povo convertido e perdoado por Deus. Nada substituía uma conversão radical. Israel estava praticamente ao mesmo nível que os povos pagãos. Não podia escusar-se com a história passada com Deus.

5. JOÃO: AQUELE QUE PREPARA O CAMINHO

Tal como os participantes numa competição de atletismo se lançam na pista após um tempo de espera carregado de tensão, antes do momento da partida, assim o Novo Testamento começa a sua história. Após uma longa expectativa (mais de 400 anos) depois de Deus ter falado pela última vez, através dos seus profetas, foi como se um tiro de pistola tivesse dado, inesperadamente, o sinal de partida à atividade divina e profética. É João Baptista quem inaugura a pista. Ele que, dando cumprimento à profecia de Malaquias, veio, à maneira de Elias, para aplanar o caminho ao Messias e exortar os homens a prepararem-se.



A mensagem de João era dirigida aos que se consideravam justos aos olhos de Deus pelo simples facto de descenderem de Abraão. João punha em questão este comportamento, recordando aos que o ouviam que Deus queria que «dessem frutos» e que, se se recusassem, o machado do Senhor abater-se-ia sobre eles (Mt 3,7-10).

João concebia-se como aquele que prepara o caminho ao Messias de Deus, alguém muito menor que Ele. «Eu batizo-vos com água, para vos mover à conversão; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu e não sou digno de lhe descalçar as sandálias. Ele há de batizar-vos no Espírito Santo e no fogo» (Mt 3,11). Quando viu Jesus chamou-lhe «o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29).

6. O BATISMO REALIZADO POR JOÃO

O termo «batizar» vem do grego *baptizo*, que significa «imersir». O batismo descrito no Novo Testamento dava-se pela imersão completa na água, e não aspergindo ou derramando água, práticas adotadas posteriormente. A imersão era um modo particularmente eficaz de representar as noções fundamentais do Batismo: lavar do pecado, sepultar a nossa velha vida e ser submergidos na vida de Jesus.

O batismo de João diferencia-se radicalmente dos rituais de purificação praticados por pessoas e grupos judeus contemporâneos de acordo com a Lei de Moisés. Tanto os essênios como os fariseus e saduceus, ou seja, os três movimentos judaicos de renovação religiosa, outorgavam uma grande importância às continuadas purificações rituais de pessoas e de coisas, segundo uma norma precisa e rigorosa que as regia.

Os fariseus, em especial, preocupavam-se em fazer pedagogia, entre o povo, do cumprimento das normas de pureza ritual.

A importância que os saduceus davam às purificações rituais manifesta-se nas pequenas piscinas encontradas nas casas ricas de Jerusalém pertencentes a membros da aristocracia sacerdotal.

Para os essênios as purificações eram realizadas com um rigor extremo e eram asseguradas por um programa diário de banhos rituais que todos eram obrigados a cumprir, tal como o atestam as descobertas arqueológicas do mosteiro do Mar Morto (Qumran). Nas instalações foram encontradas banheiras profundas para que a pessoa pudesse submergir-se completamente.

Contrariamente, o ponto central do batismo de João era um único banho, uma única imersão que garante - se acompanhada de uma conversão sincera - o acesso à salvação final. Assim, de certo modo, o batismo único de João punha em causa a importância do complicado sistema de purificações rituais, praticadas constantemente, e o ritual do Yom Kippur, que se repetia todos os anos. As pessoas do povo viam com bons olhos aquele batismo, que garantia a purificação uma vez para sempre e que preparava o imediato julgamento final.

7. JOÃO BAPTISTA: PROFETA E MÁRTIR



João foi detido por Herodes Antipas que temia que aquele estivesse a fomentar uma rebelião. Num momento de dúvida, João enviou mensageiros de Maqueronte para perguntarem a Jesus se

era verdadeiramente o Messias, e Jesus garantiu-lhe que a sua fé estava bem posicionada. João acabou por ser decapitado depois de a mulher de Herodes, Herodíade, o convencer astuciosamente a oferecer a cabeça de João à sua filha Salomé (Mt 14,3-12).

Entre o povo difundiu-se a crença de que Jesus fosse João Baptista, regressado à vida, (Mt 16,13-14) e até Herodes, devido ao seu remorso, começou a acreditar nisso (Mc 6,14-16).